

## **A formação de uma identidade LGBTQIA+ na ficção seriada juvenil: o sujeito não binário em *Atypical* e *Euphoria*<sup>1</sup>**

Julia Araujo de LIMA<sup>2</sup>

João Paulo HERGESEL<sup>3</sup>

Paula Cristina Somenzari ALMOZARA<sup>4</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

### **RESUMO**

As discussões sobre a formação de uma identidade LGBTQIA+ na ficção seriada juvenil intensificaram-se ao longo da disciplina de Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar, no Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas. O presente artigo propõe uma análise de duas personagens de séries televisivas (Casey e Rue, de *Atypical* e *Euphoria*, respectivamente), com o objetivo de discutir sua relevância, em termos de representação, na criação de uma identidade LGBTQIA+. Para isso, este trabalho se fundamenta teoricamente em Rose (1996), Foucault (1989) e Butler (1999), para entender como a performatividade e as técnicas de si usadas pelas personagens definem sua identidade de gênero, além de Hall (1992), para entender a formação de uma identidade LGBTQIA+ em comum que se forma através da representação em grandes veículos midiáticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção seriada; séries de *streaming*; identidade LGBTQIA+; sujeito não binário; performatividade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista Reitoria/PUC-Campinas. Bacharela em Letras: Português/Inglês (PUC-Campinas). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)curtos: sujeito e língua(gens). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1527-3581>. Contato: [julia.al3@puccampinas.edu.br](mailto:julia.al3@puccampinas.edu.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), mestre em Comunicação e Cultura (Uniso) e licenciado em Letras (Uniso). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)curtos: sujeito e língua(gens). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1145-0467>. Contato: [joao.hergesel@puc-campinas.edu.br](mailto:joao.hergesel@puc-campinas.edu.br).

<sup>4</sup> Professora responsável pela disciplina de Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar. Artista visual, professora-pesquisadora da Faculdade de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas. Bolsista produtividade em pesquisa CNPq, nível 2. Desenvolveu projeto de pesquisa com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp 2017/17112-7) entre 2018 e 2019, consolidando a implantação do Limiar\_Lab, Laboratório de Produção e Pesquisa em Arte Contemporânea na PUC-Campinas. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4239-2551>. Contato: [almazara@puc-campinas.edu.br](mailto:almazara@puc-campinas.edu.br).

---

## INTRODUÇÃO

A luta das minorias vem se destacando diante da luta de comunidades maiores ou de outros aspectos sociais. Diversos exemplos são vistos ao redor do mundo: a luta feminista, a luta do negro, a luta do LGBTQIA+, etc. Apesar de encontrarmos diversas definições para *minorias*, elencam-se duas, consideradas relevantes para fundamentar teoricamente o tema tratado neste artigo.

Ao mencionar o professor de Antropologia Social Theophilos Rifiotis, Claudio Márcio do Carmo (2006, p. 203) diz: “Rifiotis parece compreender as minorias como grupos que poderiam, em circunstâncias específicas, correr o risco de perder a própria identidade por serem vitimizados por processos de controle e homogeneização”. A segunda definição, também revisitada por Carmo (2016, p. 204), é dada pela doutora em Direito Público Elida Séguin, a partir de uma perspectiva jurídica: “[...] as minorias seriam caracterizadas por ocupar uma posição de não dominância no país onde vivem”.

Levando em conta tais definições sobre minorias, este artigo trata do grupo não binário, incluído na comunidade LGBTQIA+, a partir de sua representação na ficção seriada juvenil. As discussões sobre essa temática intensificaram-se ao longo da disciplina de Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar, ministrada pela professora Paula Almozara, no Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas.

As séries de ficção, especialmente aquelas que são distribuídas por canais de *streaming*, têm cada vez mais conquistado espaço entre a população brasileira de todas as idades e gêneros. Por ainda não encontrarmos um grande leque de opções de conteúdos audiovisuais que tragam abertamente personagens ou histórias LGBTQIA+, quando alguma produção é lançada, logo ganha o público, uma fatia de espectadores que anseia por mais representatividade nesse meio.

O recorte selecionado para ilustrar as considerações levantadas neste trabalho são duas personagens de séries produzidas e disponibilizadas por grandes redes de *streaming*. A primeira, Casey Gardner, da série *Atypical* (Netflix), que, de acordo com o site No set<sup>5</sup>, foi uma série bem recebida, tendo sido renovada para as temporadas 2 e 3, além de ter sido “a décima série mais assistida pelos brasileiros em sessões curtas”. A segunda, Rue, da série *Euphoria* (HBO), que, de acordo com o site Esquina da Cultura<sup>6</sup>, é “a mais

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/y5qfmdwv>. Acesso em: 12 out. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/y5tpeb6m>. Acesso em: 12 out. 2020.

conectada com gerações mais jovens que chegam num momento de conexões extensas e comunicações rápidas e relacionamentos fluídos, por consequência”. Além de serem séries assistidas por milhares de pessoas com acesso aos canais de *streaming*, as duas personagens apresentam algumas das características de pessoas não binárias.

O percurso metodológico adotado para este trabalho, tendo como base suas necessidades científico-acadêmicas, envolve a pesquisa bibliográfica e documental, seguida de uma análise qualitativa e interpretativa. Para isso, revisitam-se autores como Rose (1996), Foucault (1989) e Butler (1999), para entender como a performatividade e as técnicas de si usadas pelas personagens definem sua identidade de gênero, além de Hall (1992), para entender a formação de uma identidade LGBTQIA+ em comum que se forma através da representação em grandes veículos midiáticos.

### **O SUJEITO NÃO BINÁRIO, AS TÉCNICAS DE SI E A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LGBTQIA+**

Faz-se importante aqui a distinção entre identidade de gênero e orientação sexual, para que se possa entender que são conceitos diferentes e que um não interfere no outro, apesar de constantemente serem confundidos. *Identidade de gênero*, de acordo com o documento Manual de Comunicação LGBTIA+, é “a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico” (ALIANÇA..., 2018, p. 25); a identidade de gênero pode ou não estar visível para outras pessoas. Já a *orientação sexual*, de acordo com o mesmo documento, “refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” (PRINCÍPIOS, 2006 *apud* ALIANÇA..., 2018, p. 21).

O gênero não binário ou, como é conhecido internacionalmente, *Gender Queer*, vem como uma quebra aos padrões binários conhecidos e enraizados pela sociedade. Um sujeito que se identifica como não binário pode fluir entre os dois gêneros, homem e mulher, ou pode até mesmo ir além desses gêneros. Define-se o gênero não binário como um gênero “guarda-chuva”, pois pode-se abarcar diversos outros gêneros dentro desse. Por ser um termo relativamente novo, a bandeira que representa o não binarismo foi criada

em 2014 por Kye Rowan<sup>7</sup>, assim como suas definições. Portanto, a representação desse gênero em canais de comunicação também é relativamente nova e, apesar de as representações LGBTQIA+ em canais de comunicação serem poucas, encontramos algumas que são passíveis de destaque.

A comunidade LGBTQIA+ vem, desde 1969, com a rebelião de Stonewall<sup>8</sup>, conquistando seu espaço em diversas vertentes da sociedade, como a pública, a política e a midiática. Após alguns direitos terem sido conquistados, procurar um espaço de representação que abarcasse e fosse de fácil acesso a jovens LGBTQIA+ que procuram entender um pouco mais sobre si mesmos e com a crescente onda de canais por *streaming*, essa representação tomou seu lugar.

Os canais Netflix e HBO GO são dois gigantes na produção e difusão de séries e filmes por *streaming*. Segundo pesquisa realizada pela empresa Toluna, publicada no site Istoé Dinheiro<sup>9</sup>, 94% dos entrevistados disseram assistir *Netflix*; 29%, *HBO GO*; 21%, *Amazon Prime Video*; seguidos de outras plataformas. Por bastar que o indivíduo possua uma conexão à internet e um aparelho eletrônico (como computador, *tablet*, *smartphone* ou *smart TV*), os canais se tornaram facilmente acessados e, conseqüentemente, as séries se tornaram famosas.

As séries prendem a atenção por serem divididas em episódios de curta duração e permitirem que diferentes assuntos sejam abordados de forma complementar à narrativa dentro desses episódios. A série *Atypical* representa bem essas características que despertam tanto interesse nos espectadores; já *Euphoria* foge um pouco delas. Porém, as duas compartilham uma coisa em comum: a representação de duas personagens LGBTQIA+.

Nikolas Rose (1996) explica alguns conceitos definidos por Foucault:

Foucault chamou de “tecnologias do eu” – “mecanismos de auto-orientação”, ou as formas pelas quais os indivíduos vivenciam, compreendem, julgam e conduzem a si mesmos [...] As tecnologias do eu tomam a forma da elaboração de certas técnicas para a conduta da relação da pessoa consigo mesma [...] (ROSE, 1996, p. 41).

Ou seja, o jeito como nos comportamos, o jeito como nos vestimos, entre outras características, são as técnicas de si que utilizamos para alcançar e definir nossa

<sup>7</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/y2278bqo>. Acesso em: 12 out. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/yxj72fra>. Acesso em: 12 out. 2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/yyn89dd>. Acesso em: 12 out. 2020.

identidade. As personagens Rue e Casey utilizam as tecnologias do eu, principalmente na forma como se vestem, para expressarem que não se encaixam nem no gênero feminino, nem no masculino.

É possível traçar um paralelo entre diferentes conceitos que estão dentro da comunidade LGBTQIA+. As definições dadas por Rose (1996) acerca das técnicas de si, a performatividade definida por Butler (1999) e o Manual de Comunicação LGBTI+ são congruentes. Pode-se dizer, então, que um sujeito utiliza as técnicas de si para realizar certa performatividade diante de contextos diferentes e, dessa forma, expressa o seu gênero ou flui entre os dois – como é o caso abordado neste artigo – construindo, então, a sua identidade.

Butler defende que o gênero é uma consequência de nossas ações e não é, necessariamente, algo que venha a partir de nosso aparelho biológico. A autora propõe “um modelo performativo da identidade no qual nossas ações, repetidas incessantemente, constituem a identidade como se fosse algo natural [...]” (BORBA, 2014, p. 9). Mas vale salientar que a performatividade

[...] não é um jogo livre nem uma autoapresentação teatral; não pode também ser igualada à performance. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade (BUTLER, 1993, p. 93).

A regulação em Butler se dá pela rígida estrutura da heterossexualidade compulsória, o que causa o aprisionamento, muitas vezes, da sexualidade ou da identidade. O medo e a represália que são constantemente praticados, e ainda no século XXI, também podem ser considerados tipos de regulação.

Além das definições trazidas por Rose (1996) e Butler (1999), também ressalta-se a importância da criação de uma identidade coletiva, pois, ao trazer personagens que sejam abertamente LGBTQIA+ para séries que são transmitidas por grandes veículos midiáticos, cria-se uma identidade em comum e um sentimento de pertencimento por parte dos telespectadores que se identificam como LGBTQIA+.

Stuart Hall (1992, p. 30) diz que “as identidades nacionais são construídas, sabemos que somos de tal nacionalidade, pois são formadas e transformadas através de uma *representação*”. Apesar de Hall estar focando identidades nacionais, essa definição cabe no tipo de definição que procuramos para a criação da identidade LGBTQIA+, as quais, como o autor diz, são formadas através de uma representação. Portanto, as representações

---

em grandes veículos midiáticos, na televisão e na política têm um importante papel para modelar a identidade LGBTQIA+.

## **O SUJEITO NÃO BINÁRIO EM *ATYPICAL* E *EUPHORIA***

As séries *Atypical* e *Euphoria*, embora sejam destinadas ao público jovem e veiculadas por canais de *streaming*, não compartilham histórias parecidas. *Atypical* tem como protagonista Sam, um garoto de 18 anos diagnosticado dentro do espectro do autismo, que narra suas descobertas da vida adulta: trabalho, escola, família e relacionamentos. Casey, sua irmã, começa a ter mais protagonismo na série a partir da segunda temporada – e no presente artigo, Casey será a protagonista. Já *Euphoria* se passa em um universo totalmente diferente: a série, apesar de ter episódios focados em outros personagens, conta a história de sua personagem principal, Rue, que luta contra o vício em drogas e tenta se manter sóbria enquanto enfrenta o temido Ensino Médio.

Apesar de terem histórias e universos completamente diferentes, as duas séries acabam tendo um detalhe em comum: a representatividade da comunidade LGBTQIA+. E ambas tratam do sujeito não binário. Apesar de as séries não apresentarem explicitamente que seus personagens fazem parte da comunidade LGBTQIA+, é possível perceber tal fato, analisando sua trajetória nos episódios e valendo-se dos conceitos teóricos explicitados anteriormente.

Para que esse recorte pudesse ser feito, partiu-se de uma espetatorialidade seletiva, considerando personagens de produtos audiovisuais que dialogassem com a temática LGBTQIA+ (Casey e Rue, de *Atypical* e *Euphoria*, respectivamente) e que tenham sido produzidos e distribuídos exclusivamente por grandes canais de *streaming* (Netflix e HBO GO, respectivamente).

As análises, partindo do método qualitativo com viés interpretativo, encontra seu respaldo no estilo de David Bordwell (2008). Para o autor, estudar as questões estilísticas no audiovisual compreende observar as escolhas técnicas do vídeo, como ângulos e movimentação de câmeras, elementos presentes/ausentes na *mise-en-scène* e propriedades da trilha sonora. Embora não tenha criado protocolos fixos de análise, Bordwell (2008) sugere a possibilidade de que, ao discorrer sobre a *mise-en-scène*, a análise estilística pode envolver aspectos como figurino, maquiagem e penteado – vertentes sobre as quais este trabalho se debruça.

## CASEY

Ao observamos a personagem Casey, podemos notar as técnicas de si de Rose (1996) sendo utilizadas ao longo dos episódios. Uma das características que observamos na personagem são suas roupas. Apesar de haver uma discussão acerca de que roupas não definem gênero, essa divisão binária em roupas ainda permeia, e muito, em nossa sociedade.

De acordo Tatiana Lourenço Moreira (2020, p. 24), os indivíduos que fazem parte de um contexto capitalista seguem moldes relacionados ao consumo de mercadorias e que giram entorno de vontades fabricadas. Os sujeitos ainda “criaram as mercadorias e estar por sua vez passaram também a construir o próprio sujeito” (MOREIRA, 2020, p. 24). A autora diz ainda:

De acordo com o autor [Bordieu, 1989], existem sistemas simbólicos que norteiam a sociedade, estruturas tanto estruturantes como estruturadas, como a arte, a religião, a língua e todos aqueles aparatos que tenham uma função social influenciadora. Neste caso, os produtos, o consumo, a publicidade, as leis e os modelos de negócios são outros exemplos que participam dessa ordenação simbólica dos indivíduos (MOREIRA, 2020, p. 25).

Podemos ter então, as roupas, divididas em masculinas e femininas, como um sistema simbólico que dita a maneira pela qual devemos nos vestir. Ou seja, devemos nos vestir de acordo com nosso sexo biológico.

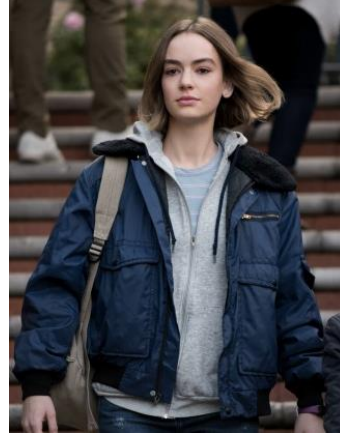
No caso de Casey, a personagem flui entre os dois gêneros por meio de seu figurino, usando roupas ora mais largas ora mais ajustadas ao corpo. Percebe-se também que, em seu cabelo e em sua aparência física, Casey não apresenta características físicas muito femininas ou muito masculinas. Seu penteado também flui entre cortes que ainda são definidos entre masculinos e femininos. As figuras 1 e 2 ilustram a análise proposta.

**Figura 1:** Casey, temporada 3.



Fonte: *Atypical*. Direção de Seth Gordon. Estados Unidos: Netflix, 2017.

**Figura 2:** Casey, temporada 1.



Fonte: *Atypical*. Direção de Seth Gordon. Estados Unidos: Netflix, 2017.

As relações amorosas que Casey desenvolve ao longo da série também a incluem em mais um espectro da comunidade LGBTQIA+. Tratando da questão de sua sexualidade, podemos inferir que Casey se encaixa no termo bissexual, pois na primeira temporada se relaciona com um garoto e da temporada 2 para a temporada 3 começa a se relacionar com uma garota. Uma frase marcante que Casey diz na segunda, episódio 4, enquanto conversava com seu irmão: “*Às vezes você tem que mentir para sobreviver*”, o que podemos inferir ser um sentimento relacionando a sua identidade e sexualidade, como se a personagem se sentisse presa e precisasse da regulação de Butler (1999) para se manter dentro dos “padrões”.

## RUE

Já a personagem Rue, protagonista da série *Euphoria*, difere em alguns aspectos de Casey. Observando a personagem ao longo dos episódios, pode-se notar, também por suas roupas, como ela flui entre os dois gêneros. Percebe-se como as roupas da personagem não definem um binarismo. Rue não procura mostrar um gênero específico dentro da série, como ocorre com outros personagens que tentam de alguma forma afirmar sua identidade de gênero ou sexualidade.

No episódio 8, intitulado *And salt the Earth behind you*<sup>10</sup>, na cena que se inicia em 00:23:29 e segue até 00:23:44, Rue e Jules travam o seguinte diálogo:

---

<sup>10</sup> “Salgue a terra abaixo de você”, em tradução literal.



Jules: *“I like the way I dressed you, but I’m worried I messed up with your gender expression”*

Rue: *“Thank you. I feel a little stupid. So...”*  
(Transcrição da fala)<sup>11</sup>

Rue estava com roupas ditas como mais femininas para o baile de formatura, juntamente de um blazer por cima; porém, como ela mesma disse, estava se sentindo um pouco estúpida com o figurino, afirmando, então, que a personagem se encaixa no não binarismo. As figuras 3 e 4 mostram a personagem em determinados episódios, ilustrando a análise proposta.

**Figura 3:** Rue, temporada 1.



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019.

**Figura 4:** Rue, temporada 1.



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019.

## CASEY E RUE

Ambas as personagens são representações de que é possível trazer personagens LGBTQIA+ para séries de grandes canais de *streaming* sem que seja necessário afirmar sua identidade de gênero ou sexualidade a todo momento. As séries não colocam as identidades de gênero de Rue e Casey como características primárias e que ditam as decisões tomadas por ambas ao longo das tramas, pelo contrário, as relações contruídas com outros personagens e acontecimentos externos a isso que se tornam o foco das duas tramas.

Nota-se aqui a importância da criação de uma identidade social comum para um grupo minoritário, assim como acontece com outras comunidades marginalizadas, as

<sup>11</sup> Jules: *“Eu gostei do jeito que te vesti, mas estou preocupada se eu estraguei a sua expressão de gênero”*. / Rue: *“Obrigada. Eu me sinto um pouco estúpida. Então...”*, em tradução literal.

séries televisas, para aqueles que possuem fácil acesso a este tipo de tecnologia, desempenham um importante papel na representação desses grupos. No caso, das análises propostas por este artigo, a importância da representação da comunidade LGBTQIA+ em grandes veículos de comunicação se torna essencial para a criação desta identidade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Hall (1992), a representação é um fator importante para a formação e transformação de uma identidade. No presente artigo, foi proposto que a representação da comunidade LGBTQIA+ em grandes veículos midiáticos, no caso as séries ficcionais, é a chave essencial para a transformação da identidade desta comunidade, ainda, marginalizada pela sociedade.

Para ressaltar a importância dessa representação, foram estudadas duas personagens relevantes de séries ficcionais e que representam, pelo menos, uma parcela da comunidade LGBTQIA+, das pessoas não binárias: Rue e Casey. Com base no conceito das técnicas de si (ROSE, 1996), as personagens se portam e se vestem de acordo com a identidade de gênero pela qual se identificam e criam, assim, uma identificação com seus espectadores.

## REFERÊNCIAS

ALIANÇA Nacional LGBTI (Brasil) (ed.). Manual de Comunicação LGBTI+. In: ALIANÇA NACIONAL LGBTI+ (Brasil); GAYLATINO (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. [S. l.]: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

ATYPICAL. Direção de Seth Gordon. Estados Unidos: Netflix, 2017.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, [s. l.], p. 1-33, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0441.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema**. Trad. Maria Luiza Machado Jatobá. Campinas: Papirus, 2008.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova Iorque; Londres: Routledge, 1990.

CARMO, Cláudio Marcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a

---

manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s. l.], p. 201-233, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/119546>. Acesso em: 12 out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p201-223>.

EUPHORIA. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Technologies of the self**: Technologies of the self – a seminar with Michel Foucault. [S. l.]: Amherst, University of Massachusetts Press, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [S. l.]: Lamparina, 1992.

MOREIRA, Tatiana Lourenço. **Moda agênero**: ativismo e consumo na indústria cultural contemporânea. 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza, CE, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51378>. Acesso em: 12 out. 2020.

ROSE, Nikolas. How should one do the history of the self?. *In*: ROSE, Nikolas. **INVENTING ourselves**: psychology, power, and personhood. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. cap. 1.